

# TRADUÇÃO: A BUSCA PELA LINGUAGEM PURA

Giuliano Tosin<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo apresenta reflexões a partir das teorias da tradução, abordando conceitos-chave do assunto como traduzibilidade, fidelidade, transgressão, originalidade e desvio, além de outros, diretamente ligados a ele, como ideologia, cultura, poder e temporalidade. O percurso apresentado permite estabelecer uma comparação das ideias vigentes na perspectiva culturalista, sobretudo na obra de Susan Bassnett e André Lefevere, com vertentes como a abordagem estético-formal de Haroldo de Campos, a filosofia de Walter Benjamin e Jacques Derrida, a linguística de Roman Jakobson, entre outras. Ressalta os contrastes e afinidades existentes entre elas, e conclui destacando as características do tradutor na atualidade.

## PALAVRAS-CHAVE

Tradução; Língua; Linguagem; Comunicação.

## ABSTRACT

*The article presents reflections from the theories of translation, addressing key concepts of the subject, as translatability, loyalty, trespass, originality and deviation, and other directly connected to it, such as ideology, culture, power and temporality. The route presented allows a comparison of the ideas prevailing in the culturalist perspective, especially in the work of Susan Bassnett and André Lefevere, with others such as the aesthetic-formal approach of Haroldo de Campos, the philosophy of Walter Benjamin and Jacques Derrida, the linguistics from Roman Jakobson, among others. Highlights the contrasts and affinities existing between*

---

<sup>1</sup> Doutor em Arte e Mediação pelo IA-UNICAMP. Professor de Comunicação Social e Artes Visuais na FAAT Faculdades. Professor do Curso de Pós-Graduação em Marketing Político e Propaganda Eleitoral da ECA-USP.

*en them, and concludes approaching the characteristics of the translator today.*

## KEY WORDS

*Translation; Language; Communication.*

### O Tradutor e seu Ofício

Um clássico sobre tradução, *A Tarefa do Tradutor*, ensaio escrito por Walter Benjamin para servir de prefácio à sua tradução de poemas de Charles Baudelaire, parece propício para constituir-se como ponto de partida para situar o debate acerca do assunto. Considerado por muitos um texto complexo e obscuro, apresenta um ponto de vista filosófico idealista e platônico, influenciado diretamente pela tese de doutorado de Benjamin sobre romantismo alemão, apresentada dois anos antes. O ensaio situa a prática da tradução como a busca por algo enigmático, misterioso e oculto nas línguas, que proporciona o encontro com aquilo que não é dito, não é comunicado nos enunciados, com uma essência metafísica e transcendente. A tradução estabelece um canal para o contato com uma instância além da linguagem. O trecho do ensaio, selecionado a seguir, ilustra um pouco o teor das proposições do autor:

*Aquelas traduções que escolhem para si o papel de intermediário, que em nome doutro transmite ou comunica, não conseguem transmitir senão a comunicação, ou seja, o inessencial. É esta uma das características por que se reconhece uma má tradução. Não será então aquilo que para além da comunicação existe numa poesia – e até o mau tradutor concede que aqui se situa o essencial – o que geralmente se cognomina de inapreensível, misterioso e “poético”? (Op. Cit., p. 38)*

O percurso obscuro proposto por Benjamin para interpretar a tradução foi retomado por outros autores, e seu caráter

enigmático rendeu ensaios com análises e interpretações (Jacques Derrida, Paul De Mann, Haroldo de Campos, entre outros), de modo que, por sua natureza, pode ser considerado bastante “aberto” a diferentes leituras. Mas seus aspectos metafísicos e enigmáticos devem ser considerados uma premissa por quem busca compreendê-lo. Suzana Lages, no artigo recente intitulado *Babel Revisitada: Reler e Re-traduzir A Tarefa do Tradutor*, chegou a caracterizá-lo como “irritantemente enigmático”, uma vez que, no lugar de informar o leitor sobre os procedimentos utilizados pelo tradutor para superar as dificuldades em transpor para a língua alemã a poesia de Baudelaire, não cita sequer um verso traduzido, ocupando-se unicamente de “sustentar sua paradoxal concepção de tradução, em que o enigma e a obscuridade têm um papel central”. Ainda nas palavras da autora, “Benjamin bate-se contra toda e qualquer finalidade comunicativa da tradução do texto literário, pois identifica o elemento propriamente literário, poético com aquilo que vai além do plano da comunicação empírica e que se liga a algo misterioso”. (*Ibid.*, p. 38)

Esse mistério reside, sobretudo, no encontro com aquilo que Benjamin chamou no ensaio de “Língua pura”, ou “Pura linguagem”, dependendo da tradução para o português. Seria um “domínio predestinado e inacessível onde as línguas se reconciliam e atingem toda a sua plenitude”, (*Ibid.*, p. 41) um lugar que conteria os alicerces de todas as línguas, algo como uma língua absoluta e verdadeira, superior a todas e que a todas contém. Todas as línguas apontam para a “Língua pura”, ou, segundo Benjamin, “aquilo que se representa ou procura representar no advir das línguas será a própria essência da Língua pura”. (p. 42) Ela conteria a chave para os mistérios de toda a comunicação:

*Nesta Língua pura – que já nada pretende exprimir e que já nada exprime, e que pelo contrário é como que a palavra inexpressiva e criadora que é o conteúdo em todas as línguas – reúne-se finalmente toda a comunicação, todo o significado, e toda a intenção num nível em que já não se diferenciam ou distinguem uns dos outros. (Op. Cit., p. 42)*

A “Língua da verdade” conserva, silenciosamente, “sem tensões nem conflitos”, os mais antigos e profundos mistérios do pensamento, e a ela as diferentes línguas se referem. O exercício da tradução, por sua vez, transferindo significados através de diferentes línguas, expressa a relação mais íntima entre elas, revelando que as mesmas não são alheias entre si, mas pertencem a algo maior, que reverenciam cada vez que funcionam – a “Língua pura”, ponto de convergência entre todas.

Benjamin cita as sagradas escrituras judaicas como exemplo da manifestação da “Língua pura”, e usa igualmente uma imagem dessa tradição religiosa para ilustrar o modo como se dão as relações entre as diferentes línguas no contexto de uma língua maior. Essa imagem é a do vaso quebrado, uma imagem cabalística. Para o autor, se quisermos juntar novamente os cacos de um vaso quebrado, “estes têm de corresponder uns aos outros, sem serem todavia necessariamente iguais quanto às suas ínfimas particularidades”. Do mesmo modo, a tradução, ao invés de imitar o original para se aproximar dele, deve “insinuar-se com amor nas mais ínfimas particularidades tanto dos modos do ‘querer dizer’ original como na sua própria língua”, para juntá-las como se fossem cacos do vaso quebrado, para que “depois de as juntar elas nos deixem reconhecer uma Língua mais ampla que as abranja a ambas.” (*Ibid.*, p. 41)

É importante observar também aquilo que Benjamin chama de “traduzibilidade” de uma obra. (*Ibid.*, p. 38) Para ele, a tradução é, antes de mais nada, uma forma, inspirada em outra forma anterior, que por sua vez, possuía em sua organização formal uma lei que determinava o quanto ela era traduzível. Sendo assim, as obras possuem diferentes naturezas, algumas mais propícias e outras menos, para a tradução. Todas contêm, em suas entrelinhas, suas “traduções virtuais”, em graus variados. Pode ocorrer de a obra possuir uma natureza muito propícia à tradução, de sua forma “exigir” e “reclamar” uma tradução. Para Benjamin, esta traduzibilidade é o que conecta a tradução e o original, como explica no trecho que segue:

---

*O fato da traduzibilidade ser própria de certas obras não significa que a sua tradução lhes seja necessária e essencial mas sim que um determinado significado, existente na essência do original, se expressa através da sua traduzibilidade. É evidente que uma tradução, por muito boa que seja, nunca consegue afetar ou mesmo ter um significado positivo para o original. Ela mantém no entanto com o original uma estreita conexão através da traduzibilidade. E esta conexão é tanto mais estreita e íntima por não afetar o original, podendo ser denominada como conexão natural, ou mesmo, num sentido mais rigoroso, como relação vital. (Op. Cit. p. 38)*

A tarefa do tradutor seria captar a essência da obra original através de sua traduzibilidade e integrá-la a uma “Língua” única e verdadeira. A tradução, para Benjamin, deve apenas tocar de leve o original, e somente num ponto infinitamente pequeno do seu significado, para em seguida continuar o seu próprio caminho. O autor alemão cita diferenças fundamentais entre os propósitos do autor do original e da tradução, considerando o primeiro (original) ingênuo e primário, enquanto a segunda norteia-se por uma intenção já derivada. Porém, ao contrário do que ocorre com a obra original, a tradução não se encontra situada no centro da “floresta da língua”, mas fora desta, e sem entrar nela, a tradução invoca-a para um lugar onde um “eco”, através da própria “ressonância da obra”, pode ser transmitido a uma língua estranha. (*Ibid.*, p. 42)

Comentando o ensaio de Benjamin, Haroldo de Campos (1987, p. 67) define que, de acordo com as ideias do autor, a tradução seria “o momento paradisíaco da ‘verdade’ das línguas, de sua transparência na plenitude de uma redenta linguagem universal, quando a tradução se ultimaria como inscrição interlinear, absolutizada na revelação da língua sagrada.” Para Haroldo de Campos (*Ibid.*, p. 67) o papel do tradutor, de acordo com Benjamin, é bem maior do que reivindicar sua liberdade na tradução; é um papel de resgate. O tradutor tem que operar um “desocultamento”, uma “remissão”, no “sentido salvífico da palavra” que Benjamin

utiliza, para expor o “modo de representação, de ‘encenação’, o modo de intencionar, o modo de significar do original”. Como exemplificou o autor alemão, “em *brot* e *pain* o conteúdo é de fato o mesmo, mas o ‘modo de pretender expressá-lo é já diferente’”. (1979, p.40) Este “modo de significar” não é o “significado” da obra, seu conteúdo denotativo, mas a sua “forma significante”, as intenções ocultas em seu modo de dizer. O exercício da tradução revela, portanto, a “Língua pura”, que está por detrás das línguas e contém a intenção de tudo o que quer ser dito.<sup>2</sup>

A questão da vida da obra e de sua sobrevivência através da tradução é outro ponto marcante no ensaio de Benjamin:

*Não é metafórica mas sim literalmente que se deve entender a vida e sobrevivência de uma obra de arte. Já mesmo nos tempos do pensamento mais acanhado e primitivo se suspeitava que se não devia atribuir vida apenas a seres e corpos orgânicos. (...) Só se faz inteira justiça a este conceito de Vida quando se reconhece a sua existência em tudo aquilo que dá origem à história e que não se limita a ser simplesmente o palco onde esta é representada. (...) A história mostra-nos como as grandes obras de arte descenderam das suas fontes, deixa-nos ver como estas adquiriram a sua forma durante a vida do artista, e revela-nos o período fundamentalmente eterno da sua sobrevivência através das gerações vindouras, dando-se a esta última fase, quando ela de fato se verifica, o nome da glória. (1979, p. 38)*

Benjamin acreditava, ao contrário de muitos autores da época, que as traduções eram bem mais do que “meras interdiárias” que “só surgem quando uma obra atingiu a época da sua glória”. (1979, p. 39) O original deve a sua sobrevivência, ou permanência na história, à tradução, visto que “a vida da obra original chega até as traduções constantemente renovada e com um

---

<sup>2</sup> Benjamin aponta as atividades do autor e do tradutor como intrinsecamente diferentes e incomparáveis, e lembra que a história não confirma o preconceito corrente que diz que “o tradutor de importância é por necessidade um grande poeta, e o poeta insignificante um mau tradutor.” (1979, p. 40)

desenvolvimento cada vez mais amplo e recente.” (p. 39) O autor diz que a tradução acende a “eterna flama da sobrevivência da obra original” para o “fogo infinito do renascer das línguas”. (p. 40) Em outro ponto do ensaio, volta a destacar que a tradução, muito mais do que transmitir o conteúdo do original, faz com que ele renasça de novo, em diferentes aspectos.

A leitura de Jacques Derrida para este antológico ensaio de Benjamin sobre o qual ora nos debruçamos é o tema central do livro *Torres de Babel*. Nele, o autor francês analisa o mito bíblico da Torre de Babel à luz de *A Tarefa do Tradutor*. Parte da constatação de que Babel, antes de tudo, se trata de um nome próprio, um nome que não sabemos exatamente o que significa, senão através da figuração, da metáfora. O mito de Babel e das inadequações entre as línguas não forma uma figura em meio a outras, ela é “o mito da origem em si próprio”, a “metáfora da metáfora”, a “tradução da tradução”. (Derrida, 2002, p.11) O nome próprio Babel deveria permanecer intraduzível, denominando o inominável, ou seja, Deus, que é a origem da linguagem.<sup>3</sup> Mas em função de uma “confusão associativa” gerada num ambiente onde se falava uma língua única, passou-se a definir também Babel como uma palavra que significa “confusão”. (p.12) O poder de nomear pertencia exclusivamente a Deus, o criador da língua única, mas diante do sacrilégio humano de tentar tocar os céus com a torre, a penitência imposta pela cólera divina foi exatamente anular o dom das línguas, desunindo-as e dando margem, indiretamente, à tradução.

Segundo Derrida, antes do episódio de Babel a grande família semítica acabara de fundar seu império e pretendia universalizá-lo, juntamente com sua língua. Esta pretensão levou

---

<sup>3</sup> É interessante observar como Jacques Derrida aponta a diversidade de significados da palavra “tarefa”, que intitula o ensaio de Benjamin. Esses significados podem trazer outras dimensões de compreensão do texto; são eles: “dever, dívida, taxa, contribuição, imposto, despesa de herança e sucessão, nobre obrigação”. (2002, pp. 62-63) Todos colocam o tradutor numa condição de dependência e débito, como se o autor do original também não fosse endividado, taxado, obrigado por outros textos de onde extraiu sua criação.

à punição divina, “por terem querido assim se assegurar, por si mesmos, uma genealogia única e universal”. (*Ibid.*, p. 17) Diante desta constatação, o autor questiona se não se pode falar de um ciúme de Deus, um ressentimento “contra esse nome e esse lábio únicos dos homens”, que o levou a impor seu nome de Pai. (p.18) Essa violenta imposição gerou a desconstrução da torre e da língua universal, trazendo confusão e a consequente dispersão da genealogia. Com esse gesto, Deus impôs e interdisse ao mesmo tempo a necessidade da tarefa impossível da tradução. A maldição contra o “imperialismo linguístico” dos semitas destinou os homens ao fardo da tradução, com sua impossibilidade. Se, por um lado, Deus livrou o restante do mundo de ser submetido ao império de uma nação particular, limitou a própria universalidade com a univocidade impossível das línguas.

Derrida vê como problemática a tradução de A Tarefa do Tradutor, se não for vista sob a ótica de uma obra que funciona ela mesma como “a assinatura de uma espécie de nome próprio destinada a assegurar sua sobrevida como obra”. (*Ibid.*, p. 35) A leitura de Derrida para o ensaio de Benjamin considera que o autor alemão vê na tradução a criação de um contrato especial: “no seu sentido quase transcendental, seria o contrato ele mesmo, o contrato absoluto, a forma-contrato do contrato, o que permite a um contrato ser o que ele é.” (p. 43) Esse contrato expõe as relações mais íntimas existentes entre as línguas, todas as suas afinidades, no sentido de representarem algo possível dentro da essência da “Linguagem pura”, segundo Derrida:

*A tradução é transposição poética (Umdichtung). O que ela libera, a “linguagem pura”, nós teremos que interrogar a essência disso. Mas notemos por enquanto que essa liberação supõe ela mesma uma liberdade do tradutor, que ela mesma não é mais do que uma relação com essa “linguagem pura”; e a libertação que ela opera, eventualmente transgredindo os limites da língua traduzante, por sua vez transformando-a, deve estender, ampliar, fazer crescer a linguagem. (Op. Cit. p. 47)*

Em seguida, Derrida resgata no ensaio original o ponto que compara o contrato da tradução ao contrato de casamento. A tradução esposa o original como dois fragmentos que se juntam, e essa junção, no seio da “Língua” maior, verdadeira e absoluta, gera um crescimento, um aumento e uma sobrevida para as obras e as próprias línguas, que se alteram a partir desse contato. “É o que chamei o contrato de tradução: himineu ou contrato de casamento com promessa de inventar um filho cuja semente dará lugar à história e ao crescimento.” E completa: “Benjamin o diz, na tradução o original cresce”. (*Ibid.*, p. 50) É como se cada língua estivesse “atrofiada na sua solidão, magra, parada no seu crescimento, enferma”, e graças à tradução, e mais especificamente à “suplementaridade linguística pela qual uma língua dá a outra o que lhe falta” através da tradução, que está seguro o “santo crescimento das línguas”, até o fim messiânico da história. (p. 67)

O contato dos “corpos” dos noivos no contrato da tradução, entretanto, é apenas fugidio, ou “fugitivo”, conforme a tradução da obra de Benjamin. Os dois se tocam levemente em um ponto infinitamente pequeno do sentido, onde as línguas afloram. Derrida (*Ibid.*, p. 48) analisa esse contato e questiona sobre o que pode ser o ponto infinitamente pequeno do sentido ao qual Benjamin se refere, e em que medida é possível avaliá-lo:

*Acompanhemos esse movimento de amor, o gesto desse amante (liebend) que trabalha na tradução. Ele não reproduz, não restitui, não representa; no essencial ele não devolve o sentido do original, a não ser nesse ponto de contato ou de carícia, o infinitamente pequeno do sentido. Ele estende o corpo das línguas, ele coloca a língua em expansão simbólica; e simbólica aqui quer dizer que, quão pouco de restituição haja a cumprir, o maior, o novo conjunto mais vasto deve ainda reconstituir alguma coisa. Não é talvez um todo, mas é um conjunto cuja abertura não deve contradizer a unidade. (...) Se o crescimento da linguagem deve também reconstituir sem representar, se aí está o símbolo, pode a tradução aspirar à verdade? Verdade, será esse ainda o nome do que faz a lei para uma tradução? (Op. Cit., p.50)*

Esse ponto infinitamente pequeno constitui-se, ainda na leitura de Derrida (*Ibid.*, p. 57), o “limite da tradução”. Nele o “intraduzível puro” e o “traduzível puro” se encontram, e se concretiza a “verdade”. Derrida observa que a palavra “verdade” aparece diversas vezes no ensaio de Benjamin, e esclarece que não se trata da verdade como fidelidade em relação ao original, o que seria muito óbvio, tampouco de uma adequação da língua ao sentido ou à realidade. A verdade, no contexto de Benjamin, constitui-se em si própria, mais um enigma do ensaio. O filósofo francês diz que “a verdade seria de preferência a linguagem pura na qual o sentido e a letra não se dissociam mais.” A tradução, ainda segundo Derrida, traz consigo uma promessa de reconciliação das línguas, uma promessa simbólica se cumpre cada vez que duas línguas se casam como parte de um todo maior, uma “Língua suprema”, ou o “ser-língua da língua” que é verdadeira à medida que se refere a si mesma, e nela cada língua natural tenta construir seus significados.

Obra recente com referências marcantes ao ensaio *A Tarefa do Tradutor*, o livro *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*, de Suzana Lages, trabalha com a noção de que a impossibilidade da tradução é o grande fantasma que assombra a história e a teoria da tradução. Esta coloca o tradutor em um permanente estado melancólico, a partir da triste consciência de sua incapacidade de resgatar algo do original que ficou para trás com a tradução. A constatação da não-coincidência entre as línguas acarreta o reconhecimento da impossibilidade de se traduzir de uma língua para a outra sem que ocorram perdas. Dessa sensação de perda, por sua vez, decorre uma sensação de impotência, e conseqüentemente, a melancolia.

A autora descreve que, para a psicanálise contemporânea, o termo melancolia significa um estado psíquico tendencialmente patológico, em que o sujeito alterna momentos de profunda tristeza, com enorme empobrecimento e desvalorização do ego, e momentos de muito entusiasmo, nos quais o ego recompõe sua

imagem, apresentando um excesso de autoconfiança (fase maníaca). Lages aproxima a melancolia da tradução, afirmando que a história da tradução e dos tradutores que chegou até nós através dos estudos de tradução pode ser descrita como uma história de rebaixamento e desvalorização do ego de quem traduz. Por outro lado, existe uma exigência exagerada de que o tradutor tenha “capacidades sobre-humanas”, no que diz respeito a conhecimentos culturais e linguísticos. Os dois polos extremos representam bem a característica melancólica.

Segundo Lages (*Op. Cit.*, p. 30), a impossibilidade de traduzir tem sido interpretada pelos estudos de tradução, na maioria das vezes, como um fator negativo, como um “entrave à reflexão”, algo que empobrece o tema e desprestigia o tradutor. Trata-se, para a autora, de um preconceito que ofusca o que poderia ser “um ponto a partir do qual questionar a natureza da linguagem e do pensamento humano.” O que pode ter sido interpretado pejorativamente pelas teorias é, na concepção de Lages, um sentimento que habita todo o tradutor. A consciência de sua existência não reduz a condição do tradutor que com ele convive. Seu recalque é um objeto perdido, mas sua práxis não deixa de fazer sentido sem alcançá-lo. Entretanto, a idealização da tradução idêntica ao original é uma marca que persiste no cenário ambíguo de seu inconsciente.

A figura do tradutor melancólico demonstra a incorporação do recalque, a partir da constatação de sua impotência diante do objeto inalcançável. Como salienta a autora, a tradução é uma atividade de renúncia, na qual o tradutor abdica de traduzir “tudo o que se encontra potencialmente no original”, e se habitua a conviver com uma incompletude que é própria da condição da linguagem e do traduzir. Ela considera inerente ao tradutor saber conviver com a diversidade na estruturação de significados das diferentes línguas, “pela qual certos conteúdos de uma língua correspondem apenas parcialmente aos conteúdos de outra língua.” (*Ibid.*, p. 66)

Analisando estudos contemporâneos sobre tradução sob a perspectiva melancólica, Lages constata que a recorrente contabilização de perdas e ganhos usada para analisar processos de tradução também reforça nitidamente a tese da melancolia. Nela, normalmente, as perdas são consideradas “irrecuperáveis” e os ganhos, apenas “compensações limitadas”, o que reflete mais uma vez uma inclinação pejorativa, uma preferência pelo negativo, típico da melancolia. Em outro extremo, alguns estudos mostram um movimento de reação à angústia melancólica, que tenta sair do círculo vicioso da contabilidade de perdas e ganhos até chegar à concepção da atividade do tradutor como uma “atividade autônoma”. Essa atitude representaria o lado “maníaco” da tradução, a parte violenta e entusiasmada que busca romper triunfalmente com o original, usando a criação e buscando sua própria originalidade. A autora salienta que essa “mania” não deve ser interpretada negativamente, pois faz parte da melancolia como um todo, é a sua face alegre, vital e extrovertida. (*Ibid.*, pp. 72-73) Observando *A Tarefa do Tradutor* sob os aspectos da melancolia, e comparando-a a *Torres de Babel*, de Derrida, Lages realiza uma distinção substanciada nas características históricas que cercam a visão moderna e pós-moderna. A segunda teria conseguido superar a perda que a primeira não soube renunciar.

### **Aquilo que se Traduz**

Continuaremos compondo o panorama acerca da tradução acrescentando-lhe outras referências oriundas, sobretudo, do debate culturalista. Essas referências foram selecionadas principalmente da obra de Susan Bassnett e André Lefevere, dois dos principais autores culturalistas que abordam a tradução. A eles serão acrescidos outros, cujas perspectivas coincidem ou contribuem com sua visão. Pretendemos mostrar que, num processo de tradução, traduz-se junto com o texto fatores como ideologia, cultura, poder, tempo, entre outros.

No livro *Poética da Tradução*, Mário Laranjeira apresenta a definição etimológica de “traduzir”, e coloca alguns questiona-

mentos a ela vinculados que despertam reflexões sobre o trânsito de conteúdos que ela promove. Segundo o autor, a palavra original latina “transducere” (*trans* + *ducere*) significa “levar através de”. A primeira série de perguntas por ele colocadas diante dessa definição é: “O que se leva? Informação? Emoção? Imagem? (...) De onde? Para onde? Mediante o quê?” Segundo o autor, “as respostas a estas últimas perguntas expandem o lugar da tradução, levam-no para além do linguístico, situam-no em qualquer área da comunicação cultural em geral”. (1993, p. 15)

O fenômeno da tradução transcende a busca pela equivalência de um mesmo texto em duas línguas diferentes. Para Roman Jakobson, a tradução é uma atividade onipresente na formação de sentido através de signos. Observa o autor: “o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo”. (1971, p. 64) Tomando por base estudos de Charles Peirce, Jakobson afirma que qualquer decodificação feita pela mente diante de signos que se apresentem é um ato de tradução. O linguista conclui que “nenhum espécime linguístico pode ser interpretado pela ciência da linguagem sem uma tradução dos seus signos em outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema”. (p. 66) Ultrapassando o enfoque estritamente linguístico, o autor ressalta fatores da tradução que transcendem a linguagem na expressão (metalinguísticos), e são permeados por outras manifestações culturais que a ela são acrescidas, sempre através de processos de tradução. Para ele:

*Em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical, porque a definição de nossa experiência está numa relação complementar com as operações metalinguísticas – o nível cognitivo da linguagem não só admite, mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução. (Op. Cit., p. 70)*

Todo ato de comunicação, ou seja, de transmissão de conteúdos, não é senão a tradução de uma mensagem em novas in-

terpretações. Mas cada interpretação apresenta desvios e perdas em relação à mensagem anterior. Essas perdas inevitáveis não necessariamente comprometem a transmissão do conteúdo anterior em termos factuais, embora possam gerar nuances interpretativas. São características inerentes à tradução, independente da forma que ela ocorra. Quanto à tradução literária e poética, iremos perceber que a questão dos desvios em relação à obra original e a impossibilidade de reconstruí-la em outro sistema são as preocupações centrais de seus estudos.

A maioria dos estudos teóricos sobre tradução literária e poética realizados nos últimos anos busca visivelmente ultrapassar os questionamentos que vinham tradicionalmente sendo propostos sobre o tema, passando a valorizar mais o tradutor e seu trabalho, numa perspectiva denominada “ideológica” ou “culturalista”. Para essa perspectiva, o percurso de transferência promovido pela tradução se dá permeado por complexidades, frutos da tensão que se instaura a partir do momento em que o tradutor estabelece com o autor da obra original uma relação de disputa. Conforme Susan Bassnett (1998, p. 25), os debates recentes sobre tradução têm focado cada vez mais a exploração das relações entre o que é chamado convencionalmente de “tradução” e “original”. Esses debates são inevitavelmente ligados a questões que envolvem autoridade e poder, sobretudo no que diz respeito à atuação do tradutor como representante de uma cultura diferente daquela em que o original foi produzido.

O escritor Victor Hugo já observara que, quando se oferece uma tradução para uma determinada cultura, essa cultura irá olhar para a tradução quase sempre como um ato de violência contra si própria. Traduzir um escritor estrangeiro é acrescentar novidades a uma língua, mas esse “alargamento do horizonte” da língua não agrada quem habitualmente dele se aproveita, ao menos não no começo. Por isso, para Hugo, a primeira reação é de repulsa contra o idioma estrangeiro, e a cultura faz tudo o que pode para rejeitá-lo. Seu “gosto” é repugnante para ela. Suas “lo-

cuções não usuais”, suas “viradas de frase inesperadas”, sua “corrupção selvagem” dos hábitos da língua, parecem simular uma invasão. Segundo o autor, essa reação é muito compreensível, pois quem gostaria de pensar em infundir uma substância de outro povo em seu próprio sangue? (*Apud* Lefevre, 1992a, p. 18.)

Em consonância com a opinião de Victor Hugo, mas adequando-a a um tom mais compatível com a contemporaneidade, André Lefevre (1992a, p. 14) afirma que toda a tradução pode ser potencialmente ameaçadora, uma vez que confronta a “cultura de chegada” com outra, que possui seu modo de ver a vida e a sociedade. Portanto, os valores presentes naquilo que é traduzido podem ser eventualmente interpretados como potencialmente subversivos e precisam ser mantidos afastados.<sup>4</sup>

De todo modo, o estudo e a compreensão dos fatores culturais presentes no texto de partida, ou “original”, como sua época e seu contexto, são determinantes para a tradução. Como diz Lefevre, referindo-se à tradução literária, os textos não são escritos no vácuo: assim como a linguagem, a literatura preexiste a seus praticantes. Os escritores nascem numa certa cultura e numa certa época e herdaram a linguagem dessa cultura, suas traduções literárias e poéticas, suas características materiais e conceituais, enfim, seu “universo de discurso”. O tradutor precisa captar esse universo e saber como lidar com ele no momento da tradução, para que a mesma não transforme o original em algo solto no tempo e no espaço. Lefevre faz questão, entretanto, de chamar a atenção para o fato de que os escritores não são meros receptores da cultura na qual escrevem, mas ao contrário, podem escrever sem os parâmetros ditados por ela, ou ainda tentar driblá-los ou

---

<sup>4</sup> Lauro Amorim observa que, para a tradição que pressupõe a possibilidade de traduções marcadas pela neutralidade, as traduções nem sempre acarretam alguma forma de violência. Nessa tradição, o autor é menos “visível”, tentando produzir traduções que dão ao leitor a impressão de estar lendo o próprio original. Mas logicamente, a suposta “invisibilidade” do tradutor que fundamenta essa tradição é algo absolutamente questionável. (2005, p. 35)

ir além deles, uma vez que nem a poética ou a ideologia de uma cultura são monolíticas. Cabe ao tradutor perceber quando isso ocorre. (1992b, p. 86)

O autor lembra que, nos casos em que o texto original choca-se com a ideologia da cultura na qual sua tradução será inserida, os tradutores precisam adaptar o texto, o que normalmente acarreta sérias transformações, quando não são deixados de fora certos trechos. Cita também os casos em que algumas características do universo de discurso presentes no texto de partida são incompreensíveis na cultura de chegada, seja por não existirem similares, ou por adquirirem nessa significados diferentes do original. Em ambos os casos, o tradutor precisa substituir as características por outras análogas da cultura-alvo, ou tentar explicar ao leitor o universo do autor da melhor maneira possível, seja no prefácio da tradução, em notas de rodapé etc. (1992b, p. 87) Para Lefevere, os tradutores têm que tomar decisões cada vez mais importantes nos níveis de ideologia, da poética e do universo do discurso, para conseguir transpor a cultura e a época do texto-fonte. Essas decisões, por sua vez, estarão sempre abertas à crítica dos leitores, que subscrevem uma ideologia diferente e nem sempre estão satisfeitos com as estratégias que os tradutores escolheram para tornar os elementos do universo do discurso “inteligíveis ou mais fáceis de intuir”. (p.88) É indispensável, de todo modo, entender a posição do original na literatura da qual ele provém e em sua cultura, pois sem esse conhecimento torna-se impossível a construção das analogias necessárias para o processo de tradução.<sup>5</sup>

Alguns aspectos abordados nas reflexões de Friedrich Nietzsche sobre tradução também cabem ser apresentados. O autor

---

<sup>5</sup> Susan Bassnett (2003, p. 140) apresenta uma situação peculiarmente curiosa ao se referir a casos de tradução de textos pertencentes a um período muito remoto no tempo, quando não só os autores e seus contemporâneos já morreram, mas o significado e o contexto da obra também estão mortos. É o que acontece com a *écloga*, por exemplo, um gênero extinto onde é impossível a fidelidade à forma da estrutura original, se a língua de chegada não for colocada em destaque.

considera que o mais difícil na tradução de uma linguagem para outra é traduzir o “tempo” de cada estilo, aquilo que está fundado “no caráter da raça”, ou falando de maneira fisiológica, em seu “metabolismo”. Fala de traduções bem resolvidas em termos de significado, mas que são “generalizações involuntárias” do original, que às vezes podem ser consideradas “falsificações”. Isso ocorre, ainda segundo Nietzsche, porque essas traduções falham ao traduzir o “tempo” do original, sem o qual todas as palavras e coisas dele se tornam perigosas. (2001, p. 183)

Captar as características do universo da cultura onde o texto original foi produzido, ou seu universo de discurso, nos parece ser um passo indispensável para uma tradução, por permitir evitar possíveis distorções não propositais em relação à obra de partida. É fundamental também conhecer o autor e saber como ele se inseriu ou se insere no universo da cultura em que vive. O autor traz para sua obra a tradução de seu diálogo com a cultura que convive, o tradutor deve entender isso e saber trabalhar essa abordagem em cada caso. Ao perceber os traços da cultura como parte daquilo que se traduz, abre-se um domínio mais amplo de percepção da obra pelo tradutor. Ao ler o universo que cerca o discurso e o amarra ao seu tempo, o tradutor prepara a obra para a tradução. É importante observar que cada tradutor irá ler esse universo a partir da ótica do seu próprio tempo. Teremos, então, obras originais ressurgindo de diversas maneiras, a partir das culturas de chegada em que ocorrem, ou em outros termos, a língua, cultura e época para a qual são traduzidas.

Lauro Amorim observa que as traduções são fatos culturais influenciados consideravelmente pelas normas vigentes na cultura de chegada. As omissões, acréscimos e atualizações, entre outros, são “opções tradutórias que teriam uma relação muito próxima com as normas ou tendências que influenciam a realização de uma tradução em uma determinada época, em uma certa cultura.” (2005, p. 63) Ao recriar as características do tempo da obra original na sua própria cultura, o tradutor reacende as dispu-

tas de poder entre as normas e valores da sua cultura e os da obra original, promovendo um conflito ideológico. Temos de lembrar que essa disputa pode ser violenta, e deixar marcas na língua e na cultura de chegada. Essas marcas fazem com que a língua não seja mais a mesma depois da tradução, o que coincide com a ideia presente em *A Tarefa do Tradutor*, de Walter Benjamin, na qual a tradução altera, modifica a língua de chegada, transformando-a e concedendo-lhe vida nova.

### **Conclusão: A Tarefa do Tradutor na Atualidade**

O universo discursivo de um texto original é inegavelmente transformado com a tradução, e a obra resultante desse processo passa a carregar características do tempo de chegada. Seja como parte proposital do projeto ou não, em uma tradução, o tempo de partida sempre acaba sendo, de alguma forma, adequado ao de chegada. A atualidade como tempo de chegada para traduções é marcada pela presença de um temperamento maníaco, segundo o qual o tradutor, diante da constatação da impossibilidade da tradução literal da obra original, concentra suas potencialidades em violá-la, deixando explícitas as marcas de sua intervenção.

Iniciativas assumidas, como reinvenção, recriação, transcrição, obra inspirada etc., se estabelecem como uma iniciativa sintomática do contexto contemporâneo. Seu gesto caracteriza uma tomada de posição ativa, que gera a reivindicação de uma nova autoria, à medida que o resultado do processo que proporcionam vai se desprendendo aos poucos dos compromissos de fidelidade para com a obra original. O que se sobressai nessa situação é a ansiedade, por parte de quem traduz, em influenciar no resultado. Isso decorre da formação de uma consciência contemporânea ampla sobre a atividade da tradução, que se manifesta em variados níveis, que coincidem com diferentes graus de interferência nas obras de partida.

A posição atual em relação ao ofício do tradutor renuncia, em inúmeros casos, à busca pela identidade com o original,

conformando-se com a perda da suposta originalidade na tradução. Isso se tornou pressuposto para constituir um novo ponto de partida para a tarefa da tradução, no qual o tradutor pode tirar de seus ombros um pouco do peso da dívida eterna, da maldição ancestral de Babel. Teremos, assim, um tradutor menos oprimido, sobre o qual não repousam expectativas sobre-humanas que poderiam vir o atormentar. Fica para trás a melancolia moderna e a angústia do inalcançável, e instaura-se o lado eufórico da bipolaridade melancólica, que questiona e viola a originalidade.

Se é impossível transpor a barreira das línguas, a atitude maníaca (pós-moderna) tenta maneiras criativas de contorná-la. O conformismo moderno cede lugar a uma postura ativa do tradutor, outro modo de se postar ante as dificuldades de sua tarefa, pelo qual ele partirá em busca de sua autonomia, sua própria originalidade e estilo.

### **Bibliografia**

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: Encruzilhadas da textualidade em "Alice no país das maravilhas", de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

\_\_\_\_\_. & LEFEVERE, André. *Constructing cultures: Essays on Literary Translation*. Multilingual Matters LTD, 1998.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Revista Humboldt, ano 19, 1979, núm. 40. pp. 38-45.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Cadernos PUC, São Paulo: EDUC, 1987, pp. 53-74.

\_\_\_\_\_. *Signantia quasi coelum*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LAGES, Suzana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Babel revisitada: reler e re-traduzir "A tarefa do tradutor"*. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC. Universidade de São Paulo, 2008.
- LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução: do sentido à significância*. São Paulo: Edusp, 1993.
- LEFEVERE, André. *Translation, history, culture: a sourcebook*. London: Routledge, 1992a.
- \_\_\_\_\_. *Translating literature: practice and theory in a comparative literature context*. New York: The Modern Language Association of América, 1992b.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o problema da tradução*. In HEIDERMANN, Werner. (Org.) *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, 2001.